

A ARTE AFROBRASILEIRA E A CERÂMICA

A memória e ancestralidade na construção de bonecas

Priscila Leonel¹

Resumo: Este artigo é parte da minha pesquisa de doutorado que desenvolvo no Instituto de Artes da UNESP-SP, na linha de pesquisa Panorama da Cerâmica Latino-Americana. Esta pesquisa busca discutir conceitos de ancestralidade e de memória negra na cerâmica contemporânea, conceitos estes que perpassam minha produção artística. Lanço-me em um mergulho histórico, afetivo, antropológico e artístico e dele nasce uma produção artística, que se coloca frente as questões históricas que me atravessam enquanto artista negra. Parte deste processo foi pesquisar textos e produções de arte afro-brasileira, buscando raízes que acalentassem certas lacunas de memórias e tento entender como a estética do cotidiano familiar e ancestral se reflete na arte. Portanto, essa pesquisa também é um revisitar o trabalho de artista negros que compõe o cenário da arte contemporânea, porém muitas vezes a margem da história da arte oficial. Encontro nestes trabalhos acolhimento, afinidades poéticas e processuais.

Palavras-chave: Arte. Cerâmica. Ancestral. Arte afro-brasileira. Memória

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em processos artísticos no Instituto de Artes da UNESP/São Paulo e Professora de Cerâmica do curso de Artes Visuais da FAAC-UNESP/BAURU. E-mail: Priscila.leonoel@gmail.com

A pesquisa

Das muitas leituras indigestas, porém fundamentais, sobre a questão do negro no Brasil e das visitas a exposições de artista negros, seguidas de pesquisas, por textos de crítico, em catálogos e portfólios, nasceu um anseio íntimo de usar a argila, com foco na cura de todo esse processo social de racismo que segrega o corpo negro. O estudo da argila tem me mostrado que a escolha da materialidade, do seu acabamento e de sua apresentação são fundamentais para compor uma obra que será percebida e sentida em camadas, e desta maneira a argila tem se mostrado com um elemento intrinsecamente ligado a ancestralidade, em sua essência, pelo seu processo e suas relações históricas.

Assim, neste texto que segue, busco pensar o significado e o peso da ancestralidade na minha produção artística, de forma consciente e muitas vezes inconsciente, além de fazer uma busca por auto reconhecimento, entendimento de identidade, memória, coleção e percurso, juntando esforços para conhecer a arte afro-brasileira um pouco mais a fundo e olhando para o que se tem em arte cerâmica afrodescendente norte-americana e nos países da África contemporânea. Foi preciso reconhecer este espaço de fala e as narrativas que permeiam estas criações afrodescendentes contemporâneas, fui me encontrando, me permitindo estar neste lugar de artista e reconhecer meu contato com o mundo. A partir deste momento desloco os paradigmas que envolvem a minha produção e tendo a perscrutar um novo olhar para esse caminho artístico.

Pensar raízes culturais e ancestralidade são temas que aparecem de muitas formas de trabalhos artísticos contemporâneos e configuram uma busca, um olhar às origens, com respeito, com admiração, como um ato de acolhimento de nossa própria história. Sabendo que no inconsciente há muitos conteúdos que prevalecem no inconsciente coletivo, sendo assim essa busca torna-se mais do que um voltar-se para um eu ensimesmado, mas abre espaço para um encontro que pode se tornar profundo e potente na pesquisa poética. A tese de doutorado de Flavia Leme de Almeida traz uma reflexão muito cuidadosa e assertiva deste viés da ancestralidade;

Quando se reflete sobre as referências antepassadas, que façam conexões com os elementos herdados culturalmente, penetra-se em camadas profundas que podem estar adormecidas pelo tempo. Cava-se o terreno fértil com as próprias mãos. Acessa-se sua ancestralidade. Encontra-se com suas raízes afetivas e biológicas. Circunscreve-se sua linhagem. Direcionam-se seus caminhos. O ato de olhar para esse universo particular pode ser difícil, complexo, moroso, já que se abrem feridas que não sangravam mais. É expor-se dentro para fora, é virar-se do avesso. (ALMEIDA, 2018, p. 101)

Descobri que havia mais a saber do que a nossa própria existência, havia os antepassados, seus percursos, que se ligam a vida presente, pela cultura, pela tradição e pela memória. Não se tinha como falar da artista e da cerâmica sem antes adentrar esse caminho e olhar para quem era a artista e quais temas estavam implícitos em seu discurso. Afinal, um corpo é possuidor de uma história de vida, que se alimenta de um processo dinâmico atravessado por experiências criativas, em constante formação e transformação. (GAUDÊNCIO, 2014, p.121).

Assim, a ancestralidade aparece como tema chave para pensar algumas questões como memória, identidade e arte afrodescendente, pois torna-se fundamental pontuar os eixos que percorrem este discurso da própria obra. Saber que primeiro é importante discutir as relações, os lugares sociais que geram aconchego ou desprazer que precisam ser revistos, e repensados. A ancestralidade aparece quando a ideia de continuidade se faz presente, na busca por uma história e uma memória que, para uma negra brasileira, é algo quase que um sonho, um devaneio, pois essa relação histórica lhe foi negada logo, por um contexto político e social que fez questão de apagar dos registros da história oficial todas as ações dos negros escravizados e seus descendentes.

Assim, me vi neste lugar, adulta, mulher e artista, precisando encontrar minha história para me sentir inteira. Segundo Bosi (1994, p.74) há dimensões

da aculturação que sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: tornar presente os que se ausentaram. Não se deixam para trás essas coisas. Essa força, essa vontade, que traz do passado as vivências que ainda estão em nós e não percebemos como algo que passa despercebido, alguma coisa no nosso hábito de sorrir ou no andar.

Arte Afro-Brasileira

A produção artística, conhecida, como arte afro-brasileira, fala das relações, descendentes de escravizados, na sociedade brasileira, que adentraram o sistema da arte, trazendo novas questões, outras histórias e ampliando possibilidades estéticas. É neste campo de conhecimento que esta pesquisa está inserida, encontrando seus atores, seus meios de fala e realizando um levantamento de alguns trabalhos e exposições significativos, a fim de melhor compreender como arte afro-brasileira está acontecendo em São Paulo. Há vertentes que entendem a arte afro-brasileira a partir das transformações do que era feito em África e passa a ser produzido no Brasil, ficando especificamente questões religiosas, como se dariam estas ressignificações em solo brasileiro. Para a atual pesquisa, porém interessa o que tem sido criado em arte pelos afrodescendentes a partir das suas experiências em solo brasileiro, podendo recorrer ou não a uma estética ou uma religiosidade africana. O pesquisador Hélio Meneses (2018) disserta sobre que disputas e sentidos o uso do termo Arte Afro-brasileira tem mobilizado. Para além das questões semânticas, há também as questões políticas, este campo. Cabe neste contexto trazer a fala de Lilia M. Schwarcs (2014) quando ela afirma que não se passa imune pelo fato de ser o último país do mundo a abolir a escravidão. Ser afrodescendente é ser herdeiro de uma história. É uma identidade.

Temos uma definição apresentada pela curadora da Mostra Brasil 500 Anos, Marta Heloísa Leuba Salum, ela considera que a arte afro-brasileira é, antes de tudo, contemporânea:

Uma produção que ganhou nome no século XX e passou a ser reconhecida como qualquer manifestação plástica e visual

que retome de um lado a estética e religiosidade africana tradicional e de outro os cenários socioculturais do negro no Brasil. (SALUM, 2000)

Por consequência, inclusive da perpetuação do racismo estrutural que está inserido nessa sociedade, ser afro-brasileiro tem criado formas mais complexas de expressão artística do que se havia imaginado quando a nomenclatura começou a ser usada.

Artistas da cena na arte afro-brasileira

A partir de um levantamento de artistas contemporâneos afrodescendentes que discutem questões do racismo, no cotidiano do descendente afro-brasileiro contemporâneo, fui observando uma reincidência das temáticas de negritude e ancestralidade. Assim, estes temas são tratados nos diversos suportes e linguagens artísticas e apresentam uma relação muito forte com a memória que falta na relação de historicidade que perpassa suas famílias e é levado, em última instância, para suas relações no âmbito do coletivo, como parte de um povo que passou por um apagamento de sua história em diversos níveis, não só artístico, mas político e social também. Assim, tornou-se de fundamental importância que esse estudo percorresse o caminho das produções artísticas, na esperança de que outros afrodescendentes possam encontrar mais facilmente todas essas histórias juntas e espero que façam muito antes do que o tempo que levei para reunir esses conteúdos, entendê-los e me apropriar deles.

Alguns artistas os quais fizeram essa história precisam ser citados, como: **Heitor dos Prazeres** que nasceu em 1898, representa a trajetória de sobrevivência, luta e resistência da população negra no cenário urbano do Rio de Janeiro. **Abdias do Nascimento**, foi principalmente militante da luta contra a discriminação racial e pela valorização da cultura negra. **Rubem Valentim** quem inicia nas artes visuais na década de 1940, o artista tem

como referência o universo religioso, principalmente aquele relacionado ao candomblé ou à umbanda. **Mestre Didi** atuante entre 1946 e 1989, publica livros sobre a cultura afro-brasileira, alguns com ilustrações de Caribé. No ano de 1966, viaja para a África Ocidental e realiza pesquisas comparativas entre Brasil e África, contratado pela Unesco. **Sonia Gomes** que é natural de Caetanópolis (MG), seu trabalho remete tanto as festas populares de matriz afro-brasileira como a folia de reis, congo, reisado e ao catolicismo mágico, tanto como às tradições africanas. A artista **Yêdamaria**, foi colocada no grupo de artistas afro-brasileiras por seus questionamentos e sua postura crítica sobre as temáticas afrodescendentes. Fecho este ciclo de grandes artistas na história da arte afro-brasileira pós século XX, como nome de **Emanuel Araújo**, que além de artista é um entusiasta que estimula a arte produzida por afrodescendentes. depois de ser diretor da Pinacoteca de São Paulo e logo depois pôde abrir o Museu Afro Brasil, que no início possuía uma coleção quase que inteiramente composta pela sua coleção de arte africana e afro-brasileira.

Busquei, então, alguns artistas negros que trabalham com a argila para discutir assuntos de racismo, identidade, lugar social e ancestralidade, na arte contemporânea. Dentre eles Dalton Paula, com a obra “*Caminhos do Tabaco*”, Thiago Sant’ Ana, com a obra “*Nas Coxas*”, Lídia Lisboa, com a obra “*Cupinzeiros*” e Leandro Junior, com a obra “*Ventre Livre*”. Vale apresentar aqui dois exemplos de mulheres que marcam essa discussão: Rosana Paulino e Gabriela Marinho. **Rosana Paulino** é Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e aborda questões que ainda costumam ser bastante omitidas, como as discussões de gênero e da escravidão e do papel do negro na sociedade, é possível ver a artista e suas obras a fim de melhor se aproximar de sua poética (fig. 1 e 2).



Fig. 01 - Rosana Paulino e obra Rainha [Queen], 2006.
Disponível em: <<https://bit.ly/2sSyAo1>> Acessado em 10 set. 2019.



Fig. 02 - Obra Casulos, 2003
Disponível em:
<<https://bit.ly/2sWUy96>>
Acessado em 10 set. 2019

Gabriela Marinho cresceu em São Gonçalo- RJ, construiu o Ateliê como uma forma de provar para si mesma que é possível ser ceramista tendo poucos recursos financeiros, desde a compra de uma argila de qualidade até a construção de um forno artesanal. O seu espaço de criação se chama Ateliê Kianda e nasceu da necessidade de estudar e produzir cerâmica a partir da africanidade. Ela se encontra em um processo de construção de uma artística protagonizada majoritariamente por mulheres negras, assim foi construindo sua poética, bem apresentada pela obra icônica do coração humano (fig. 3).



Fig. 03 - Coração - Parte de uma instalação de Gabriela Marinho. Disponível em <https://bit.ly/2SdKWSH>> Acessado em 10 setembro de 2019.

O estudo da argila tem me mostrando que a escolha da materialidade, do seu acabamento e de sua apresentação são fundamentais para compor uma obra que será percebida e sentida em camadas, e a argila se mostra intrinsecamente ligada a ancestralidade, em sua essência, seu processo e suas relações históricas.

O imaginário das bonecas

Falar de bonecas, muitas vezes é falar de algo sagrado. Às vezes quando estou trabalhando com a cerâmica lembro de mim, quando era criança, do que eu gostava de fazer, dos experimentos, dos olhares longos para um mesmo ponto. Lembro de passar horas, olhando para o mesmo ponto. Esses dias eu tive a oportunidade de me sentar em uma calçada e ver o mundo do ângulo de uma criança e as memórias voltaram como carneiros saltitando. Dava-se o encontro comigo e com as memórias. Fagulhas foram ativadas. E neste momento da pesquisa teórica me proponho a buscar relações, tentando encontrar as raízes dessas construções de bonecas que tem me acompanhado ao longo dos últimos sete anos e que ainda é a melhor forma que encontro para comunicar.

Criar uma boneca, seria inventar um corpo fora do corpo, dar forma ao corpo despedaçado. Seria a criação de uma obra em forma de boneca uma estratégia psíquica para lidar com problemas aparentemente grandes demais para lidar com isso de forma apenas subjetiva, precisando dar caracterização palpável aos sentimentos e emoções? Que signos estão contidos nesta imagem da boneca? Inventar mundos, amigos imaginários... Para dar conta, sustentar o que na infância ainda não é possível dar conta e nem sustentar. O trecho abaixo é um pequeno exemplo desta sensibilidade e delicadeza que encontro no olhar da artista Vitória Fava e que me instigam, por tangenciar alguns tópicos muito importantes que reverencio na produção cerâmica. Fava nos diz: Sou a feminilidade do trabalho repetitivo contido. Sou o laço na cabeça da primeira foto da minha bisavó. Sou a boneca e a menina, e a voz baixinha que murmura seu imaginar. (FAVA, 2018)

A minha primeira obra foi uma mulher forte, com seios grandes, uma mulher equilibrada pela posição das pernas em lótus, porém seus braços não remetem a equilíbrio ou estabilidade. Sua pele se fez negra, pela queima, mas o preto não ocupou todos os espaços, deixando manchas como rastro da queima primitiva. Neste tipo de queima não se controla o processo, mas se aceita o

que sai do forno. A mancha pode ser vista como uma marca dessa mulher, do hibridismo cultural, da mistura da qual ela se constitui. Essa peça não fala só de feminino, mas traz a questão racial e cultural como uma discussão sobre um conjunto de valores, de processos identitários e de memórias.

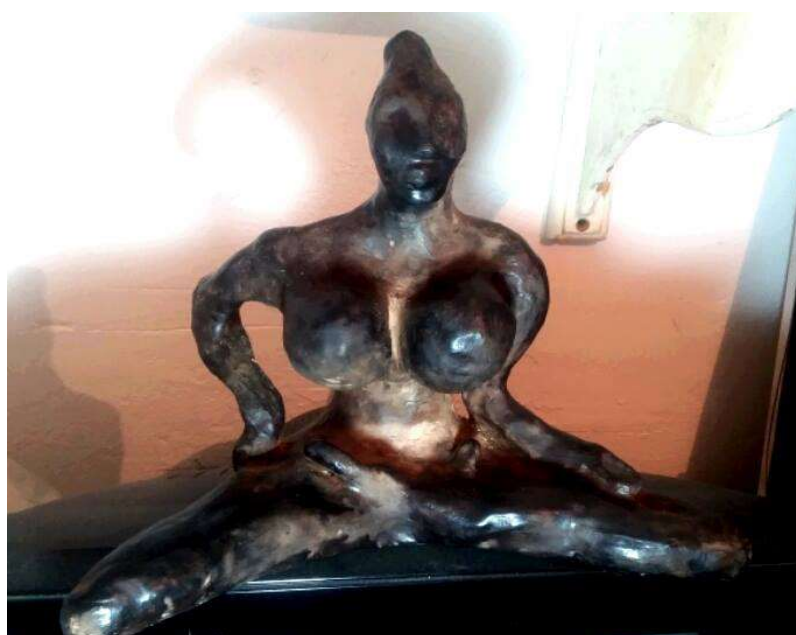


Fig. 4 – Obra “Corpo em meditação”, de Priscila Leonel
Cerâmica – queima primitiva –2013. Fonte: Arquivo Pessoal da artista

Assim, estas peças foram sendo moldadas, carregadas de vivências e lembranças e, muitas vezes, de apegos, mas que brotavam livremente em pequenas recordações já esquecidas ou enterradas há muito tempo, que ressurgiam de forma involuntária durante o meu processo de criação.

Durante a pesquisa do doutorado as bonecas estão passando por transformações, como espelhos de um processo de descoberta de identidade também digerindo e degustando os novos conhecimentos, amadurecendo, acompanhando essa jornada, como é o caso da boneca (fig. 5) que aparece na sequência.



Fig. 5 – Obra de Priscila Leonel
Foto: Priscila Leonel – Acervo Particular da artista - 2018

Essas bonecas representam o surgimento de uma obra expandida, com perguntas que se sobrepõem a respostas, a partir da percepção de um sentido de distopia. Não se fixando em encontrar um procedimento artístico que define o sentimento ou as reflexões, mas examinar a materialidade e suas possibilidades, seus circuitos, assim como tornando cada vez mais contundente o entendimento da sociedade e das relações que perpassam o corpo da artista negra, não por acaso a força poética está nas observações feitas pela artista das narrativas da vida e da memória, como na imagem da composição (fig. 6) que foi realizada durante uma residência artística na cidade de Tracunhaém –PE.



Fig. 6 – Obra IV, de Priscila Leonel
Foto: Priscila Leonel – Acervo Particular da artista – 2018

Considerações finais

Como um ponto de partida, para essa reflexão e construção poética, de nada adiantaria uma pesquisa teórica sem a possibilidade de desdobrar estes encontros com a minha própria história, e a partir desta demanda selar um trabalho artístico que me permita ressignificar certas estruturas que durante muito tempo estiveram rígidas. Para trabalhar com este tema é preciso se permitir, alcançar lugares escondidos da memória, descobrindo o que é ancestralidade, de fato e o quanto esse mar de informações, cultura, linguagem faz parte de mim, do que sou, do que fui e do que me tornei. Desta busca de compreensão, deste ser no território é que começo a pensar em identidade. Assim estes três tópicos se apresentam intensos, circulares, enraizados um ao outro, gerando a poética, os limites e a poesia da obra.

Demorei até perceber este espaço que não se revela por si, é preciso escutar as histórias, olhar com atenção os mestres que se apresentam em diversos momentos oportunos. Segundo Ecléa Bosi (1994, p.91) é tempo de se entregar a experiência profunda da natureza das coisas, e este tempo é diferente para cada pessoa. Apesar de haver um convite no inconsciente coletivo, são necessários estalos para que se faça ouvir as narrativas que são passadas de geração em geração como esperança e recordação. Estas tantas histórias que não foram ditas, deixam marcas, deixam vazios, abalam a identidade, a segurança do indivíduo.

Que essa construção no meu pequeno Quilombo de Barro seja, portanto, possibilidade de encontro com fantasmas que precisam dizer adeus, acalmar e partir. Durante muito tempo a história da cultura negra ficou silenciada, no Brasil, não se pesquisava, não escrevia e a cultura da memória oral ia sendo esquecida. É no espaço do recuo que a memória pode agir, pode fluir, e se condensar em potência de criação, que toca o outro a partir do momento que não fala só de si, mas do universal, do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Flavia Leme de, **Desvios do Barro: Raízes Culturais, Feminismo e Rituais nas poéticas de Mulheres Artistas da Cena Contemporânea Latino-Americana**. Tese de doutorado entregue à UNESP, São Paulo, 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FAVA, Vitória de Oliveira **Cercada de contas - um caminho de afeto, acaso e gostar**. Monografia de Conclusão de Curso, Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, 2018.

GAUDÊNCIO, Flávia. **Caminhos trilhados**. In: Pó. Boi. Pedras - Percografia. ALMEIDA Tarcísio, WANNER, Celeste e GODIM, Roani (org.). Livro publicado com apoio da Universidade Federal Da Bahia. Salvador, 2014.

SALUM, Marta H. L. **Cem anos de arte afro-brasileira**. In: Catálogo Mostra do Redescobrimento – Brasil 500 é mais. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Virtuais, 2000.

Imagens

Fig. 01 - Rosana Paulino e obra Rainha [Queen], 2006 - Disponível em <<https://bit.ly/38XTgeR>> Acessado em 10 set. 2019.

Fig. 02 – Obra Casulos -2003 - Disponível em <<https://bit.ly/34Ox0ki>> Acessado em 10 set. 2019

Fig. 03 - Coração - Parte de uma instalação de Gabriela Martinho - Disponível em <<https://bit.ly/2riO9Vr>> Acessado em 10 setembro de 2019.

Fig. 4 – Obra “Corpo em meditação”, de Priscila Leonel - Cerâmica – queima primitiva –2013. Fonte: Arquivo Pessoal da artista

Fig. 5 – Obra de Priscila Leonel - Cerâmica – queima de 1050°C – finalização com carbonato de cobre e engobes - Foto: Priscila Leonel – Acervo Particular da artista – 2018

Fig. 6 – Obra IV, de Priscila Leonel - Cerâmica – queima de 800°C – sem acabamento – fornos artesanais - Foto: Priscila Leonel – Acervo Particular da artista – 2018